



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

NOVAS IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO¹

Catiane Cinelli², Noeli Valentina Weschenfelder³.

¹ Este texto traz resultados parciais de pesquisa referente a dissertação de mestrado em educação nas ciências pela Unijui

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijui, bolsista Capes, katimmc@gmail.com

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Unijui, noeli@unijui.edu.br

Resumo

O presente trabalho pretende discutir a questão da identidade das mulheres camponesas a partir de autores como Castells, Hall, Thompson, e Eisler, compreendendo experiência como constituidora de identidade de classe, feminista e camponesa. Trata-se de um recorte da dissertação do mestrado em andamento, cujo tema é *Análise do “programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC SC” com enfoque à constituição de identidades das militantes no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina*. O espaço pesquisado se diferencia de outros por ser desenvolvido por mulheres em um Movimento Social Popular que se autodenomina de camponês e feminista. A metodologia se desenvolveu com entrevistas a dirigentes do MMC SC, a monitoras do referido programa e a participantes do mesmo. Os resultados obtidos nos permitem afirmar que as mulheres desenvolvam em seus cotidianos novas relações e novas formas de viver a vida.

Palavras-chave: mulheres; experiência; programa de sementes.

Introdução

Consideramos as práticas sociais, inclusive lutas massivas e cotidianas das militantes, como constituidoras de novas subjetividades e identidades de resistência e de projeto, conforme Castells (2002). A experiência das mulheres em recuperar, produzir e melhorar sementes crioulas de hortaliças no MMC SC, ligada a um processo de luta, organização e formação, o que permite um amplo debate e reflexão sobre o fazer, permite com que produzam novos modos de pensar, produzir e viver. Portanto, podemos dizer que trata-se de uma construção histórica e social, segundo Thompson (1981) mediante experiências referente a modos de vida, nesse caso, estão relacionados ao trabalho e à luta.

De acordo com Santos (2009), vivemos num tempo de estagnação ante as possibilidades de pensar a transformação social de forma radical. Em grande medida, isso se deve ao crédito da teoria do fim da história e a visão de futuro como progresso, o que nos faz esquecer sofrimentos, assim como as lutas do passado. Por outro lado, o autor argumenta sobre a necessidade de uma globalização contra-hegemônica, a qual em seu ponto de vista, já vem sendo construída a partir dos movimentos sociais e grupos organizados.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Diante da afirmação de Santos, consideráramos que o MMC está entre os referidos Movimentos, juntamente com outras Organizações populares e/ou feministas que lutam pela transformação social, por acreditar que a sociedade, de hegemonia patriarcal, produz e reproduz a violência e a submissão das mulheres. Em especial neste ensaio trataremos de um recorte relativo aos resultados parciais de pesquisa de dissertação de mestrado em Educação nas Ciências na Unijui, como anunciada no resumo. Segundo as mulheres camponesas a forma de rompimento com o sistema opressor se dá com o desenvolvimento de práticas de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças.

O tema abordado na dissertação é *Análise do “programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC SC” com enfoque à constituição de identidades das militantes no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina*. Foram realizadas entrevistas com as mulheres envolvidas nesse processo e leituras referentes a este programa.

A partir das leituras realizadas, vimos que o programa de sementes iniciou no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina após um longo processo de discussão sobre o modelo de agricultura vigente. Este que é um modelo químico a partir da dita revolução verde, que surgiu com o propósito de aproveitar os restos de guerra para agricultura. Isso depois da segunda guerra mundial onde os países desenvolvidos precisavam ter um destino para o maquinário e produtos utilizados na guerra, e aí se transferiu para a agricultura.

O objetivo do trabalho é discutir a questão da identidade das mulheres camponesas a partir de autores como Castells, Hall, Thompson, e Eisler, compreendendo a experiência de produzir sementes crioulas como constituidora de identidade de classe, feminista e camponesa.

Metodologia

O texto foi realizado dentro da opção metodológica para a realização da dissertação. Compreendemos metodologia como o caminho que vamos percorrer para a concretização da pesquisa, sendo que a definição do tema é dialogado com as militantes do Movimento e, não somente fruto de uma escolha pessoal, inclusive constituindo também uma necessidade dessa organização. Por isso, optamos em utilizar como procedimento metodológico o da pesquisa participante.

Temos clareza de que não é comum o reconhecimento da complexidade do metodológico em seu sentido mais profundo, que implica sustentar teoricamente e organizar de forma rigorosa uma determinada sequência de momentos que seja coerente com uma fundamentação teórico-filosófica e que se execute de forma criadora. Para tanto precisamos compreender histórica e teoricamente tais procedimentos.

A pesquisa participante surge no início da década de 1980, quando a realidade de um número importante de sociedades latino-americanas se caracteriza pela presença de regimes autoritários e modelos de desenvolvimento manifestamente excludentes, no aspecto político, e, concentradores, no aspecto econômico (GAJARDO, 1999, p. 39). Desse modo, essa forma





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

de pesquisa está diretamente ligada aos processos de democratização, de organização e lutas, o que justifica a escolha deste método, pois a pesquisa se desenvolve em um Movimento Social que luta pela transformação da sociedade e tem sua gênese nesse período de saída de um regime autoritário.

Brandão (1999) registra que a pesquisa participante surge como compromisso de participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem a pesquisa, mais do que conhecer para explicar, pretende conhecer para servir. A partir daí uma nova coerência de trabalho científico se instala e permite que o serviço do método que a constitui diferentes técnicas sejam viáveis, tais como o relato de outras observações, mesmo quando não científicas, a leitura de documento, a aplicação de questionários e a observação da vida e do trabalho.

Após o levantamento da literatura, desenvolvemos nossa metodologia com entrevistas semiestruturadas com dirigentes do MMC SC, monitoras do Programa e, com participantes do Programa das sementes, assim como são denominadas, pelas mulheres, as principais atividades deste são oficinas de formação realizadas nos municípios. Além das entrevistas realizamos observações em diversas atividades desenvolvidas pelo MMC que tem relação com a construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica. Durante a realização das entrevistas, buscamos compreender como as atividades ligadas ao Programa das Sementes contribuem para a constituição da identidade camponesa, feminista e de classe. Ainda, sobre quando o mesmo surgiu, em que contexto da organização do Movimento e as discussões possíveis a partir disso, o que traremos no item a seguir.

Resultados e discussões

Trabalharemos a partir do espaço da luta, dos movimentos sociais organizados, bem como do campo. Cogitar como é hoje este espaço como fruto de um sistema capitalista que no campo se põe como o agronegócio, trazendo as consequências da revolução verde, sendo que hoje o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. E, a partir dos dados coletados, apoiamos a agroecologia como contraponto ao modelo de agricultura química e industrializada com alimentos contaminados. Essa proposição se concretiza no espaço local, com o projeto de agricultura camponesa em construção, no caso desta pesquisa, com o Programa.

Com as entrevistas e leituras de materiais internos do MMC, evidenciamos que o Programa das Sementes iniciou no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina após um longo processo de discussão sobre o modelo de agricultura vigente. Segundo os mesmos documentos, a Revolução Verde, que é um modelo químico, surgiu com o propósito de aproveitar os restos da II Guerra Mundial para a agricultura, pois os países desenvolvidos precisavam ter um destino para o maquinário e produtos utilizados na guerra, e aí se transferiu para a agricultura.

A partir de uma revisão da literatura, constatamos como nos mostra Eisler (1996) que desde o descobrimento da agricultura pelas mulheres, a mesma foi desenvolvida pelo conhecimento dos próprios sujeitos envolvidos, camponesas e camponeses, pois os



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

conhecimentos populares eram reconhecidos, valorizados e essenciais para que as atividades agrícolas fossem desenvolvidas. A partir da Revolução Verde, porém, a agricultura passa a ser química e o saber dos povos de milhares de anos é desprezado, e os países com maior poderio econômico passam a investir nos países ditos em desenvolvimento para que se desenvolvesse uma agricultura que iria dar lucro a grandes empresas.

Uma das entrevistadas argumenta sobre esse processo dizendo que, com isso há um grande investimento em educação que valorizasse os técnicos, os quais passam a deter o saber como produzir e as (os) camponesas (es) são obrigadas (os) a aceitar e seguir as receitas dos técnicos, além de não terem outras opções pois os investimentos e oportunidades de créditos, a partir daí são controlados para que as (os) trabalhadoras (es) possam comprar somente o chamado pacote verde, que inclui sementes híbridas, adubos químicos e agrotóxicos.

Os registros de pesquisa, bem como as entrevistas revelam que a reflexão sobre o modelo de agricultura química desde o surgimento do Movimento impulsiona para o lançamento do Programa. Os dados evidenciam que o mesmo é acatado pelas mulheres que passam a desenvolver oficinas de produção e formação nas regionais no ano de 2001 e, é na assembléia estadual do MMC em 2002 onde todas as participantes aprovam e assumem. A partir daí são desenvolvidas experiências municipais, com encontros de estudos e práticas que envolvem desde o surgimento da terra e das espécies de seres vivos, até o processo de industrialização agrícola, bem como quais os impactos dessa industrialização.

Segundo entrevistada que contribuiu na elaboração da proposta do programa, a experiência desenvolvida pelo MMC SC está vinculada a uma discussão a nível internacional dos Movimentos Camponeses que estão preocupados com os impactos provocados pela agricultura industrializada, e propõem como alternativa o projeto de agricultura camponesa agroecológica. E, por ser um movimento de mulheres se optou pelas sementes crioulas de hortaliças, sendo que as camponesas tem a coordenação dos espaços da horta e não o todo da unidade de produção por vivermos em uma sociedade patriarcal e os homens obterem a administração da produção em maior escala. A expressão utilizada é que *essa foi a porta de entrada encontrada para trabalhar a construção do novo com as mulheres camponesas*.

As mulheres organizadas no MMC passam a discutirem qual é seu papel na construção do projeto de agricultura camponesa. Quanto a isso, uma dirigente entrevistada nos fala sobre a missão de camponesa que é *muito bonita, produzir sementes, produzir comida, construir esse processo de agricultura que queremos, a emancipação de se libertar das amarras da sociedade, eu me encontrei como pessoa no Movimento, antes eu vivia naquele mundo não conhecia muito o mundo [...] uma missão de construir a sociedade*.

De acordo com a colocação da entrevistada constatamos, como argumenta Hall (2006) que para um determinado indivíduo ou ator social podem haver identidades múltiplas. Assim, podemos afirmar que as mulheres envolvidas no Programa das Sementes vão formando e construindo o seu modo de viver, a sua cultura, a sua identidade como camponesas, feministas, com uma consciência de classe, tanto pessoal como coletivamente. Uma construção forjada no cotidiano desde o trabalho de produção, recuperação e melhoramentos



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

das sementes crioulas para a produção de um alimento saudável, o cuidado, até as práticas diferenciadas nas formações, nos espaços de organização e nas lutas.

Segundo Hall (2006), ao tratar identidades precisamos considerar a historicidade dos fatos e das teorias sempre em construção e reconstrução. Também Castells (2002) argumenta que identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

Verifica-se, então, que as militantes conquistam e constroem sua libertação, ao sair de casa, para participar politicamente da sociedade. Desse modo, constituem também, como argumenta Castells (2002), uma identidade de resistência, que também é a identidade de classe, atoras que se encontram em condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade. Com os dados da pesquisa chegamos a algumas conclusões que traremos a seguir.

Conclusões

As observações, as entrevistas e as leituras de materiais relacionados à nossa pesquisa permitem concluir que o Programa, juntamente com demais atividades desenvolvidas pelo MMC, desencadeia um processo de constituição de identidades, nos quais há conflitos e contradições. No momento em que as mulheres identificam-se como lutadoras e participantes desse Movimento, envolvidas na construção do projeto popular de agricultura camponesa, assumem uma identidade diferenciada frente às demais mulheres da sociedade. Uma identidade camponesa e novas posturas de um fazer diferente, produzir e viver no campo, assim constroem uma nova cultura, compreendendo esta a partir de Thompsom, tendo em vista a superação do patriarcalismo, constroem práticas feministas.

A questão da identidade camponesa é muito complexa, pois se assumir como camponesa assume um projeto de agricultura camponesa e, na conjuntura atual é considerada atrasada, pois a partir da Revolução Verde, a produção em grande escala, com uso intensivo de agrotóxicos é considerado o grande avanço. E aí a produção agroecológica é um desafio, e com esse vai se afirmando a identidade camponesa, a qual não se dá separada da identidade de classe, pois o projeto de agricultura camponesa é o enfrentamento ao agronegócio e ao capitalismo.

Além disso, quando são mulheres que estão a construir essa alternativa podemos averiguar diferenças e, juntamente com o programa as mulheres discutem outras questões de organicidade do Movimento, sendo que as partícipes das oficinas são as mesmas que participam das instâncias desse, assim também passa a se construir a identidade feminista.

A partir dos autores que trabalhamos e dos dados da pesquisa, afirmamos que as identidades camponesa, feminista e de classe estão intimamente ligadas às escolhas, às opções e ao identificar-se com a causa. Para as mulheres o Programa é um instrumento de tomada de consciência, sendo que as militantes que pensam o mesmo são sujeitas desse processo.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Agradecimentos

Agradecemos a Capes pela concessão da bolsa, o que tornou possível a realização do mestrado e conseqüentemente, a realização desta pesquisa.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

EISLER, Raiane. *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: FREITAS, A.L.F & MORAES, S.C. *Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisitada*. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.